

NOVOS AGENTES E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: A PARTICIPAÇÃO DE FIGURAS PÚBLICAS NA CONSTRUÇÃO DE PROJETOS INTERNACIONAIS SOBRE IGUALDADE DE GÊNERO

Jéssica de Andrade Alaniz¹
Prof. Dr. Leonardo Mèrcher²

RESUMO

A igualdade de gênero é um assunto que pelo menos nos últimos cinco anos está cada vez mais em discussão. A justificativa deste artigo é observada a partir de alguns escândalos envolvendo figuras públicas terem vindo à tona e em face disso alguns movimentos artísticos em apoio às mulheres começaram a emergir, logo, a questão sobre igualdade de gênero, tornou-se uma das principais temáticas abordadas em grandes eventos e campanhas internacionais. O presente artigo se apoiará sobre a linha de pesquisa dos Novos Agentes e Relações Internacionais. Dentro desta temática, a problematização estará focada em responder, de que maneira os agentes a partir da ONU Mulheres estão promovendo um debate sobre a igualdade de gênero. Os objetivos deste artigo são observar como a Teoria Construtivista das Relações Internacionais vem abordando a temática agente-estrutura no sistema Internacional, apontar brevemente a caminhada das temáticas feministas dentro das Relações Internacionais e apresentar o projeto *He for She* da ONU Mulheres.

Palavras chave: Construtivismo. ONU. Agentes.

1 INTRODUÇÃO

A teoria construtivista das Relações Internacionais traz ao sistema internacional uma outra perspectiva das relações de poder na política internacional. No decorrer deste

¹ Graduanda do curso de Bacharelado em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER.

² Doutor em Ciência Política (UFPR, 2016) com Bacharelado (2006) e Especialização (2009) em Relações Internacionais Contemporâneas pela PUC-Rio. Também possui Licenciatura (CEUCLAR, 2014) e Bacharelado (EMBAP, 2015) em Belas Artes e Licenciatura em Biologia (CEUCLAR, 2016), além de Especialização em Comunicação, Cultura e Arte (2011) e em História Social da Arte (2011) pela PUC-PR. Voluntário do Centro de Informações das Nações Unidas, pertencente ao Secretariado Geral da ONU (2004-05) no Palácio Itamaraty. Analista Internacional no Consulado Geral dos EUA, Rio de Janeiro (2005-2007). Professor Pesquisador associado ao Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NEPRI/UFPR, 2011-presente) e fundador do periódico científico Conjuntura Global (UFPR, 2012) no qual foi Editor Executivo (2012-2015). Professor Universitário em Artes e Relações Internacionais desde 2009, integrando o corpo docente UNINTER em 2013. Atualmente é professor vinculado aos cursos superiores de Ciência Política, Relações Internacionais, Artes Visuais, Comércio Exterior, Gestão Pública e Secretariado Executivo Trilíngue.

artigo, esta perspectiva será apresentada levando em consideração a ideia de agente-estrutura apresentada pelo construtivista Alexander Wendt.

Outro ponto abordado neste artigo será a breve caminhada das temáticas feministas nas Relações Internacionais até o Terceiro Debate quando a temática deixou para traz a visão ocidentalizada e passou a integrar outras regiões do mundo. As questões de gênero, hoje, fazem parte da temática feminista ao redor do mundo, estão presentes em pequenos lugares ou em grandes centros.

A igualdade de gênero é um ponto muito importante a ser destacado nas Relações Internacionais é através dele que mulheres se empoderam diante do mundo patriarcal em que vivemos. A Organização das Nações Unidas é atuante nesta temática através da Agenda 2030, que entre outros objetivos busca o empoderamento de todas as mulheres e meninas ao redor do mundo. A agência da ONU para a temática das mulheres - ONU Mulheres - possui um projeto voltado ao empoderamento feminino chamado *He for She*, cujo objetivo principal é desafiar os homens a considerarem as questões de gênero como um direito econômico, social e humano.

A estrutura deste artigo está dividida em três partes. A primeira delas tratará da visão construtivista sobre o sistema internacional, observando como agente e estrutura se constituem e interagem no sistema internacional. A segunda, tratará da temática feminista nas Relações Internacionais, trazendo as principais divisões desta corrente de pensamento. A terceira parte, irá agregar ao construtivismo e ao feminismo a participação de agentes internacionais atuantes nas questões de gênero a partir da atuação da ONU Mulheres e da Campanha *He for She*.

2 TEORIA CONSTRUTIVISTA DAS RELEÇÕES INTERNACIONAIS

A Teoria Construtivista das Relações Internacionais tem como premissa central, conforme Messari e Nogueira (2005, p.162) “vivemos em um mundo que construímos, no qual somos os principais protagonistas, e que é produto das nossas escolhas. Este mundo em permanente *construção* é construído pelo que os construtivistas chamam de *agentes*”. (grifo dos autores)

A partir desta premissa descrita por Messari e Nogueira, desenvolve-se o que é conhecido nas Relações Internacionais como a temática Agente–Estrutura. O construtivismo ao contrário do realismo entende que o estudo construtivista tem sua ênfase voltada aos agentes, em sua racionalidade e suas escolhas. Jackson e Sorensen (2007, p.341) afirmam que a abordagem construtivista das Relações Internacionais trabalha apoiada sob quatro premissas. A primeira delas é de que em geral as relações humanas constituem-se essencialmente por pensamentos e ideias, a segunda aborda que as ideias e tudo o que delas é proveniente são comuns a todos os indivíduos, a terceira premissa foca no modo como são concebidas as relações entre os indivíduos através do estabelecimento das ideias que compõem seus interesses e identidades, por fim os construtivistas abordam os meios pelos quais essas relações se desenvolvem geralmente por meio de instituições sociais coletivas.

A origem dos agentes e das estruturas são para esta corrente teórica negadas à ambos. Conforme explica os autores Messari e Nogueira (2005, p. 164) os construtivistas “negam a antecedência ontológica tanto aos agentes quanto a estrutura e afirmam que ambos são co-construídos.” Nesta afirmativa entende-se que o agente e a estrutura são originados em um mesmo momento e que um depende do outro para existir.

2.1 O CONSTRUTIVISMO DE WENDT

Neste sub-tópico pretendo destacar as ideias de Wendt sobre identidade e a relação delas com a temática agente-estrutura.

O construtivismo abordado por Wendt, busca o entendimento de que as pessoas em geral agem de acordo com o significado que os objetos tem para elas, nesse caso, a determinação da ação de um indivíduo em relação ao objeto será diferente da ação de um outro indivíduo, por que a ideia que se formou em torno deste objeto é diferente para ambos, mas a importância do objeto é intrínseca aos dois indivíduos. Wendt (1992, p.430) destaca que: “É o significado coletivo que constitui as estruturas que organizam nossas ações”.

Na construção do coletivo, é pertinente destacar as ideias de identidade e interesses destacas por Wendt, em seu artigo A Anarquia é o que os Estados fazem dela: a construção social da política de poder. Nele o autor explica que as identidades são

formadas pelo entendimento e pelas expectativas do próprio ser pelo que explica Berger (1996, p.111) *apud* Wendt (1992, p.430): “é sempre uma identidade dentro de um mundo específico socialmente construído”. Por exemplo, a identidade de um pai só se constitui porque o papel institucional dele como pai é construído a partir das ideias de vários indivíduos, ou seja, não existe algo de material que indique esse papel, mas a ideia do “papel de pai” já estava formada pelas ideias coletivas e imateriais da sociedade.

Sobre esse assunto Wendt (1992, p.430) ainda destaca: “cada identidade é uma definição inerentemente social do ator, fundamentada nas teorias que atores coletivamente possuem de si próprios e de outros, e que constitui a estrutura do mundo social.” O mundo social citado por Wendt é o mundo da consciência humana onde as crenças e conceitos se estabelecem.

As identidades por serem uma ideia construída na coletividade, são criadas a partir dos interesses dos atores que dela participam. Os interesses surgem de acordo com as situações que se apresentam, muitas vezes ao encontrar novas situações os atores precisam construir novos interesses. A partir disso, pode-se observar que a construção de novos interesses incide sobre o indivíduo uma mudança na sua identidade, explico, as situações que se apresentam definem os interesses dos indivíduos, de certa forma, as ideias atreladas a situação de escolha fazem com que o indivíduo opte pela escolha do interesse, nesse ponto o ato da escolha causa ao indivíduo um confronto de ideias entre o que se escolhe e o que deve ser escolhido. Os indivíduos dessa forma se modificam sobre seus interesses, modificando assim, muitas vezes, as situações nas quais estão inseridos.

As instituições definidas por Wendt (1992, p.432) baseiam-se no conjunto de identidades e interesses. Tais instituições são como o autor chama de cognitivas. As identidades e as cognições são para o autor “mutuamente construídas”.

[...] a institucionalização é um processo de internalização de novas identidades e novos interesses, não algo acontecendo fora destes e afetando somente o comportamento; a socialização é um processo cognitivo não somente comportamental.

3 O FEMINISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

As Relações Internacionais foram historicamente formadas a partir da visão masculina sobre poder e política internacional. A participação das mulheres na história, antes das Relações Internacionais, operava somente no âmbito interno dos Estados. Essa participação pode ser dividida, conforme Messari e Nogueira (2005, p.224) em Primeiro e Segundo debate: "A primeira geração de feministas lutou pelo sufrágio universal e pela inclusão das mulheres no espaço político enquanto a segunda geração de feministas surgiu no decorrer da década de 1970, com uma agenda de inclusão e cidadania".

Essas duas primeiras gerações foram fortemente estabelecidas no Ocidente, o Oriente por sua vez tinha alguns movimentos pequenos e localizados em torno da participação feminina nas Relações Internacionais. Como observou Vázquez (2012, p.146):

[...] emerge el feminismo a finales de la década de los ochenta, con propuestas que son más afines a las posiciones postmodernas, aunque es reconocido que no todas las corrientes feministas de Relaciones Internacionales son postpositivistas, es decir, no niegan posibles metodologías racionalistas.

O terceiro debate surge na década de 1990 com a inicialização dos estudos feministas nas Relações Internacionais. Tais estudos, segundo Mendes (2011, p.14): "flagraram duas notáveis ausências: uma, a das próprias mulheres como atores nesse campo e, a outra, a falta de questões ligadas a gênero nos estudos da área".

O feminismo mais tradicional procura incluir a temática de gênero em questões de poder, já o feminismo pós-moderno trabalha as contradições presentes na temática de identidade e gênero nas Relações Internacionais. Messari e Nogueira (2005, p. 226) elucidam que do ponto de vista feminista questões como identidade de gênero tem uma função determinante na ideologia de uma sociedade e que a inclusão dessas questões nas análises de Relações Internacionais e das mulheres em atividades antes exercidas somente por homens tem um potencial transformador político nacional e internacional.

O feminismo construtivista adota uma emancipação de questões presentes nos feminismos tradicional e no pós-moderno, mas traz à tona a formação de críticas as teorias existentes, para elas esse novo olhar sobre questões feministas nas Relações

Internacionais explica que o gênero -assim como os agentes e as estruturas- são socialmente construídos (Messari e Nogueira, 2005 p. 227).

Para Vázquez (2012, p. 147):

El objetivo del feminismo, e su característica más provocadora dentro del debate intelectual en la disciplina de Relaciones Internacionales, es desafiar al paradigma realista y liberal que argumentam y justifican la operación de un sistema internacional que mantiene al hombre em una posición e de ventaja sobre la mujer em um status quo que le es absolutamente desfavorecedor y opresivo.

No contexto histórico mundial, as mulheres demoram muito tempo para se unir e agir em prol da comunidade internacional feminina, este assunto de gênero ficava apenas no âmbito interno do Estados – geralmente em segundo plano - Mendes (2011, p. 15) destaca que hoje:

As críticas feministas reforçam que temas como identidade, segurança e sexualidade não podem ser categoricamente separados entre esfera pública ou privada [...] ao ser de esfera privada negligenciada pela Relações Internacionais, abusos de gênero que façam parte dessa esfera seria sempre relegado apenas ao âmbito interno, mesmo quando fossem necessárias ações da comunidade internacional no sentido de evita-los ou preveni-los.

4 O PROJETO DA ONU MULHERES PARA A IGUALDADE DE GÊNERO

As Organização das Nações Unidas, assumiu em sua origem um papel fundamental para o progresso da cooperação funcional no sistema internacional. Conforme destacado por Herz e Hoffman (2004, p.137) : “ A cooperação funcional passa a ser vista não apenas como um facilitador para a solução de problemas técnicos de organização do mundo durante tempos de paz, mas como uma condição para a própria manutenção da paz”. Sabe-se que em alguns lugares ao redor do mundo mulheres sofrem abusos terríveis somente por serem mulheres, a simplicidade da frase requer atenção máxima, pois, com a modernização do mundo e a globalização esses abusos continuam se manifestando de forma mais velada, ou seja, na prática o preconceito e o abuso pelo gênero continuam a existir, independentemente do mundo estar globalizado e rico em informações.

É claro que, conforme afirma Mendes (2011, p. 13):

Mesmo que não haja um diálogo forte entre grupos feministas locais e organizações de direitos humanos, ativistas do mundo todo monitoram a situação dos países, fazendo com que seja virtualmente impossível que algum Estado se isole dentro de suas normas e culturas.

4.1 ONU MULHERES

A ONU Mulheres é uma agência do sistema das Nações Unidas que trabalha para fortalecer e ampliar os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres (Site da Onu Mulheres). Apesar de ser uma agência criada em 2010 – relativamente nova - ela segue os passos do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para as Mulheres - UNIFEM, cujo objetivo fundamentava-se na defesa dos direitos humanos das mulheres.

4.2 O PROJETO *HE FOR SHE*

Antes de adentrarmos no Projeto, cabe fazer aqui uma retomada da ideia construtivista que envolve os agentes e as estruturas. Como já foi dito neste artigo, os construtivistas acreditam que os agentes e as estruturas são co-construídos e os significados coletivos constituem as estruturas baseadas em nossas ações, ou seja, o coletivo é responsável pela formação dos interesses e das identidades.

Conforme explica o site do projeto: “o movimento de solidariedade Eles por Elas foi criado pela ONU Mulheres para fornecer uma abordagem sistemática e uma plataforma direcionada pela qual um público global pode participar e se tornar agente de mudança a fim de atingir a igualdade de gênero no mundo todo”. Ao analisar essa frase, pode-se perceber: primeiro que a solidariedade é uma ideia social e coletivamente construída; segundo ela nasce ao mesmo tempo em que os interesses pela igualdade de gênero se apresentam; terceiro as instituições por serem formadas pelo conjunto de identidades e interesses é um fator modificador das ações no qual os indivíduos e seus interesses estão inseridos.

4.3 FIGURAS PÚBLICAS COMO AGENTES DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O alcance relevante de movimentos internacionais que destacaram os abusos sofridos por mulheres em Hollywood e até mesmo no Brasil, levantaram fortemente a bandeira da igualdade de gênero. O machismo, talvez nunca tinha sido tão atacado como nos últimos anos, e com esses escândalos públicos de celebridades, a comunidade internacional vem reforçando ainda mais o combate contra os abusos de gênero.

É sabido historicamente, que a participação de figuras públicas é importantíssima na divulgação de projetos tanto de alcance nacional ou internacional a população, identifica-se com estas figuras públicas, é nesse momento que o coletivo abordado pelos construtivistas se concretiza, ou seja, o coletivo (figuras públicas e população) se organizam em ações que elevam a igualdade de gênero a patamares internacionais. Neste caso, o movimento exógeno do sistema internacional, adentra os Estados e reforça os interesses coletivos.

Neste contexto, as figuras públicas tornam-se agentes modificadores das Relações Internacionais e suas ações são norteadas pelas ideias do coletivo e baseadas na construção das identidades e dos interesses da sociedade internacional para a temática da igualdade de gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou apresentar a Teoria Construtivista das Relações Internacionais, abordando os principais conceitos pertinentes a teoria. No Brasil, há uma literatura muito pequena sobre a teoria construtivista, o que dificulta o estabelecimento de relações mais profundas sobre o tema.

As teorias feministas, estão espalhando-se mundo a fora seja de um modo intenso ou brando, o importante é disseminar a maior quantidade de mulheres que as Relações Internacionais apesar de tardiamente terem aceito a visão feminista em seus estudos, continua em constante expansão e aceitando cada vez mais outras formas de análise sobre estudos de gênero.

O projeto *He for She*, tornou-se uma importante ferramenta de propagação do interesse coletivo com relação a igualdade de gênero. Poder transformar a visão global sobre o tema, através dos olhos e das ações dos homens é um ponto de equilíbrio considerável para a transformação do mundo. As figuras públicas – homens e mulheres – tem um papel fundamental na divulgação da igualdade de gênero e como agentes modificadores do sistema internacional.

REFERÊNCIAS

HERZ, Mônica; e HOFFMAN, A.R. **Organizações Internacionais: histórias e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

JACKSON, R.H; e SORENSEN, G. **Introdução às Relações Internacionais: teorias e abordagens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MENDES, M.M. **Gênero e Relações Internacionais – a inserção da mulher na esfera política e na carreira diplomática**. 2011. Dissertação (especialização em Relações Internacionais) – UNB, Brasília. Disponível em: < <http://bdm.unb.br/handle/10483/1997>>. Acesso em: 04 abr.2018.

MESSARI, Nizar e NOGUEIRA, João Pontes. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SITE DO PROJETO HE FOR SHE. **Nossa Missão**.2016. Disponível em: < <http://www.heforshe.org/pt/our-mission>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

SITE DA ONU MULHERES. **Sobre a ONU Mulheres**. Disponível em: < <http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>>. Acesso em: 26 abr.2018.

VÁZQUEZ, A.L. **El feminismo em la teoria de Relaciones Internacionales: um breve repaso**. Revista de Relaciones Internacionales de la UNAM, núm. 114, sep./dic, 2012. Disponível em: < <http://www.revistas.unam.mx/index.php/rri/article/view/48994/44059>>. Acesso em: 15 abr.2018.

WENDT, Alexander. **A anarquia é o que os Estados fazem dela: A construção social da política de poder**. Traduzido por: ESTRADA, R.D. Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v.2. n.3, jan./jun,2013. Disponível em: < <https://www.periodicos.ufgs.edu.br/index.php/moncoes>>. Acesso em: 01 abr.2018.